

A UNIVERSIDADE COMO LÓCUS ADEQUADO PARA O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO



AUTORES

Elane Chaveiro Soares

Doutora em Educação e Docente no Departamento de Química campus Cuiabá – elane.soares@ufmt.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0937-9187>

João Augusto dos Santos Oliveira

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso - j89oliveira@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4015-0910>

Yasmin Pereira Leite Rocha

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso - yasmin.rocha1@sou.ufmt.br – ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5584-5475>

Ana Carolina de Oliveira Pantaleão

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso – anacarolinapantaleao25@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6979-7881>

Sarah Fernanda Andrade de Lima Silva

Graduada em Ciências Sociais pela UFMT - Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de pós-graduação da UFMT (PPGAS)- sarahfernanda023@hotmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5895-5607>

RESUMO

Entre as lacunas percebidas na questão do diálogo entre Ciência e Religião, na sociedade brasileira, está aquela relacionada ao baixo conhecimento e/ou falta de acesso à literatura especializada. Há outra ainda mais acentuada que é a questão de que, algumas pessoas assumem o modelo do conflito como única forma de lidar com os campos da Ciência e da Religião, como se não existissem outras possibilidades de pensamento. Estes, entre outros fatores, motivaram a organização de um Grupo de Estudos, a realização de pesquisa acadêmica em âmbito de graduação e de mestrado e, posteriormente, sua implementação como projeto de extensão universitária. Esta última agregando ações externas à Universidade que muito têm contribuído para construção e disseminação de conhecimento sobre o que se faz na academia a partir dessa temática. Neste artigo se traz uma breve revisão da literatura, abordando aspectos relevantes que contextualizam a ideia de que a Universidade é, ou deveria ser, o lócus adequado para o diálogo entre Ciência e Religião. A seguir se caracteriza a atividade de extensão realizada a partir da constituição de um Grupo de Estudos denominado de ABC2/FÉCIE de Cuiabá-MT, destacando sua metodologia e os conceitos essenciais que balizam seu funcionamento. Objetiva-se, além da discussão teórica em torno dos fundamentos que promovem o diálogo entre os referidos campos, destacar a história de constituição das ações a partir de seminários temáticos e a discussão em torno da relevância da temática no âmbito acadêmico, que é realizada com liberdade de crença e respeito epistêmico, bem como na promoção de acesso às literaturas, temas e pessoas que se dedicam a essa proposta, espalhadas pelo Brasil e pelo exterior. Além disso, pretende-se dar ênfase às ações de extensão como promotoras de conhecimento tanto dentro quanto fora da Universidade. Tornando esta última acrescida do pensamento social, cultural e científico de que tanto faz jus.

Palavras-chave: Interação. Ciência e Fé. Grupo de Estudos.

THE UNIVERSITY AS AN APPROPRIATE LOCUS FOR THE DIALOGUE BETWEEN SCIENCE AND RELIGION

ABSTRACT

Among the gaps perceived in the issue of dialogue between Science and Religion in Brazilian society is that related to low knowledge and/or lack of access to specialized literature. There is another even more pronounced issue that some people assume the conflict model as the only way of dealing with the fields of Science and Religion, as if there were no other possibilities of thought. These, among other factors, motivated the organization of a Study Group, the carrying out of academic research at undergraduate and master's levels and subsequently, its implementation as a university extension project. The latter, adding actions external to the university that have greatly contributed to the construction and dissemination of knowledge about what is done in academia based on this topic. In this article, we provide a brief review of the literature, addressing relevant aspects that contextualize the idea that the university is, or should be, the appropriate locus for dialogue between Science and Religion. Below, we characterize the extension activity carried out through the creation of a Study Group called ABC2/FÉCIE de Cuiabá-MT, highlighting its methodology and the essential concepts that guide its operation. The objective is, in addition to the theoretical discussion around the foundations that promote dialogue between the aforementioned fields, to highlight the history of the constitution of actions based on thematic seminars and the discussion around the relevance of the theme in the academic sphere, which is carried out with freedom of belief and epistemic respect, as well as promoting access to literature, themes and people dedicated to this proposal, spread across Brazil and abroad. Furthermore, it is intended to emphasize extension actions as promoters of knowledge both inside and outside the University. Making the latter an addition to the social, cultural and scientific thought to which it is so worthy.

Keywords: Interaction. Science and Faith. Study Group.

1. INTRODUÇÃO

O principal elemento que situa o leitor no contexto deste artigo se refere à afirmação de que, para muitos cientistas cristãos, é preciso demonstrar a superficialidade daqueles que ignoram a natureza multifacetada da causalidade. Como destacam, se compreendida corretamente, a ciência representa um encorajamento à fé, e não uma barreira a essa (Berry, 2016). Esta afirmação é relevante enquanto perspectiva social, cultural e acadêmica, especialmente, em âmbito nacional, no qual há, no contexto recente, muita confusão entre ciência, política e fé religiosa. Um segundo elemento seria a busca por respostas às questões muito atuais, baseados na proposta de Yan Barbour (2004) com o título de um dos de seus principais livros que se parafraseia aqui: Quando a ciência encontra a religião, elas são inimigas, estranhas ou parceiras? Como terceiro elemento se aponta, ainda, que a Universidade, enquanto ambiente intelectual, presta-se à valorização de muitas virtudes, entre as quais figura a curiosidade epistêmica e isso se faz, enquanto se promove, se constrói e se divulga o conhecimento na sociedade, seja pela ação docente no ensino, pela pesquisa ou pela extensão. Estes elementos se configuram no arcabouço das convicções que motivam a emissão deste texto.

Assim, traz-se uma breve revisão da literatura, abordando aspectos relevantes que contextualizam a ideia de que a Universidade é – ou deveria ser – o lócus adequado para o diálogo entre Ciência e Religião. A seguir se caracteriza uma atividade de extensão, realizada a partir da constituição de um Grupo de Estudos denominado de ABC2/FÉCIÊ de Cuiabá-MT, destacando sua metodologia de ação e os conceitos essenciais que balizam seu funcionamento.

Entre as lacunas percebidas na questão do diálogo entre Ciência e Religião, na sociedade brasileira, está aquela relacionada ao baixo conhecimento e/ou falta de acesso à literatura especializada. Há outra, ainda mais acentuada, que é a questão de que, algumas pessoas assumem o modelo do conflito como única forma de lidar com os campos da Ciência e da Religião, como se não existissem outras possibilidades de pensamento. Estes, entre outros fatores já citados, motivaram a organização do Grupo de Estudos, da realização de pesquisa acadêmica em âmbito de graduação e de mestrado e, posteriormente, de sua implementação como projeto de extensão universitária. Esta última agregando ações externas à Universidade que muito têm contribuído para construção e disseminação de conhecimento sobre o que se faz na academia brasileira a partir desta temática.

Objetiva-se, portanto, neste texto, além da discussão teórica em torno dos fundamentos que promovem o diálogo entre os referidos campos, destacar a história de constituição das ações e de demonstrar a relevância da temática no âmbito acadêmico realizada com liberdade de crença e respeito epistêmico, bem como na promoção de acesso às literaturas, temas e a pessoas que se dedicam a essa proposta, espalhadas pelo Brasil e pelo exterior. Além disso, pretende-se dar ênfase às ações de extensão como promotoras de conhecimento, tanto dentro quanto fora da Universidade. Tornando esta última, acrescida do pensamento social, cultural e científico de que tanto faz jus.

2. FUNDAMENTOS PARA O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

Toda boa discussão sobre a realidade precisa estar bem fundamentada. É o que acredita Alister McGrath, um ex-ateu fascinado pela interação entre fé, ciência e ateísmo. Este autor estudou Química em Oxford e se especializou em teoria quântica, com doutorado em Biofísica Molecular. Depois, estudou teologia em Oxford e em Cambridge, concentrando-se particularmente na interação histórica entre Ciência e Religião, especialmente, nos séculos XVI e XIX. McGrath foi, até 2022, professor da cadeira Andreas Ideos de Ciência e Religião e diretor do Centro Ian Ransley para Ciência e Religião em Oxford. Escreveu vários livros sobre o tema e, para ele, cada Ciência particular, por um lado, e a teologia por outro, são definidas por sua própria linguagem, métodos e normas, e propõe, com convicção, que existem profundas conexões entre essas duas forças. Para ele, se o Deus Trino é o criador de todas as coisas, inclusive, daquelas

estudadas pelas ciências naturais, deve existir uma série de relações frutíferas entre a boa ciência e a boa teologia.

Segundo alguns críticos, McGrath (2020) é habilidoso ao navegar em temas tão diversos como, Filosofia da Ciência, Ciências cognitivas, Teoria evolutiva, Doutrina da criação, Trindade, Cristologia etc. O fato é que, a partir desse autor, tem sido possível ingressar em um diálogo intelectual entre Ciência e Religião (Science and Religion). Duas forças culturais e intelectuais das mais significativas e interessantes do Mundo de hoje, ainda que alguns não concordem com isso, afinal, o contraponto é sempre bem-vindo!

Na proposta para este item do artigo se entende, como McGrath (2020), que os fundamentos perpassam uma introdução ao que quer dizer essa ideia de diálogo entre esses dois campos e pelo destaque de que se está no Brasil, ainda engatinhando nesta possibilidade, enquanto outras nações já estão muito além do diálogo ou mesmo superando vários dos desafios apresentados por esse diálogo.

É preciso lembrar que muitos pensadores importantes da época do Renascimento usavam a metáfora dos “Dois Livros de Deus” como uma maneira de visualizar o processo de compreensão da realidade permitindo que se informassem e se enriquecessem mutuamente, lendo o Livro da Natureza e o Livro das Escrituras lado a lado. Importa dizer, também, que no final do século XIX se dissemina a ideia de uma guerra entre estes campos, o que leva muitos a questionarem essa abordagem. No século XXI, porém, o que se vê é a desmoralização ou o descrédito acadêmico dessa metanarrativa de guerra, suscitando um novo interesse em encontrar formas de recuperar a reformular o diálogo (McGrath, 2020).

Uma boa pergunta para continuar a compreensão dos fundamentos pode ser: por que estudar (ou se preocupar) com uma interação entre Ciência e Religião? E por derivação, por que Religião Cristã e não outra Religião? Ou ainda, por que não todas as Religiões? Talvez, não se tenha espaço para responder a todas as questões, mas todas são bastante provocativas e importantes.

Primeiro argumento é de que este diálogo se encontra em uma área interdisciplinar. A visão oferecida por estas lentes é mais rica e grandiosa do que qualquer uma dessas sozinhas. Veja o que diz o principal referencial:

Nem a ciência nem a religião podem fornecer uma descrição total da realidade. A ciência não responde a todas as perguntas que podemos fazer sobre o mundo. Nem a religião. No entanto, juntas elas podem nos oferecer uma visão estereoscópica da realidade negada àqueles que se limitam à perspectiva de apenas uma disciplina. (McGrath, 2020, p. 17).

Lembrando que estereoscopia é uma técnica usada para se obter informações do espaço tridimensional, através da análise de duas imagens obtidas em pontos diferentes. Pontos de vista diferentes são bem-vindos para a promoção deste tipo de diálogo.

Não basta, porém, a questão da interdisciplinaridade. Deve-se acrescentar à proposta a compreensão de que, academicamente, a narrativa de conflito não é mais aceita ou, não é mais levada a sério por historiadores da ciência. Certamente que existem tensões e ninguém as está negando. No entanto, o relacionamento entre estas áreas é mais complexo do que isso.

Alguns estudos (Peters & Bennett, 2003; El-Hani & Sepúlveda, 2004; Barbour, 2004; Alexander, 2017; Harrison, 2017, para citar apenas alguns) vêm indicando que Ciência e Religião são capazes de interagir em um diálogo significativo sobre algumas das grandes questões da vida. No entanto, o termo “diálogo” é facilmente entendido como conversa acolhedora e não crítica, muitas vezes, tendendo a uma agradável, mas injustificada assimilação de ideias. Não é este tipo de diálogo defendido por McGrath e por muitos outros pesquisadores que lidam com o tema. Assim, diálogo precisa ser:

[...] robusto e desafiador, investigando questões profundas e potencialmente ameaçadoras sobre a autoridade e os limites de cada participante e de cada disciplina. Um diálogo é caracterizado pelo que muitos chamam agora de uma “virtude epistêmica” onde cada participante leva o outro a sério, tentando identificar seus pontos fortes e fracos, ao mesmo tempo que deseja aprender com o outro e enfrentar seus próprios limites e vulnerabilidades (McGrath, 2020, p. 19).

Nesta perspectiva, o diálogo entre Ciência e Religião começa por perguntar se, de que maneira e até que ponto essas duas parceiras de conversa podem aprender uma com a outra. Dada a importância cultural, tanto de uma quanto da outra, a exploração de como essas se relacionam tem potencial tanto de conflito quanto de enriquecimento mútuo. Apesar dos riscos para os dois lados, essa aproximação continua sendo relevante. McGrath (2020) traz três razões para seguir adiante nesta proposta que se destaca aqui de modo resumido. Primeiro que nem a Ciência nem a Religião podem reivindicar uma descrição total da realidade. Segundo, tanto a Ciência quanto a Religião estão preocupadas em encontrar o sentido das coisas e, terceiro, há claros limites que a pesquisa científica não consegue ultrapassar.

Para fundamentar esta proposta de diálogo acadêmico que trata das relações entre Ciência e Religião é preciso voltar uns quarenta anos atrás e trazer um autor chamado Yan Barbour, que faleceu em 2013. Barbour foi um físico que escreveu um livro, em 1966, chamado *Issues in Science and Religion*, sua primeira publicação tratando de assuntos que modelaram a área acadêmica chamada de Ciência e Religião.

Algum tempo depois, Barbour lançou *Religion in a Age of science*, quando sistematizou e criou a famosa tipologia de relacionamento entre os campos, traçando alguns padrões para essa área de estudos. O segundo livro, *Religion in an age of Science*, tem uma versão mais popular e reduzida, traduzida para o português e com edição esgotada (Barbour, 2004). Nesta obra, o autor dá ênfase a quatro modelos de interação entre os campos: 1. Modelo do conflito, no qual a ênfase está na substituição de um dos campos. 2. Modelo da independência, em que a ênfase está nas diferenças. 3. Modelo do diálogo, com a ênfase nas semelhanças e, 4. Modelo da interação, no qual a ênfase está na síntese.

Segundo McGrath (2020), relacionamentos complexos costumam ser melhor representados visual ou imaginativamente. Analogias e metáforas são úteis na exploração de limites disciplinares, no mapeamento de estruturas complexas e na estruturação de possíveis relacionamentos. Assim, é possível trazer para o diálogo as quatro maneiras de imaginar a relação entre Ciência e Religião.

Os três primeiros não fazem suposições religiosas; a quarta é baseada em algumas suposições cristãs, tornando-a útil para aqueles que trabalham com este modo de pensar, embora talvez seja menos útil para aqueles que não compartilham suas principais suposições teológicas. Para McGrath (2020) não são modelos, como esta palavra é normalmente usada, e sim, lentes ou esquemas que permitem visualizar possíveis relacionamentos.

Ainda, com base em McGrath (2020), se traz um químico, um físico e uma filósofa para destacar a relevância de uma proposta de aproximação entre os campos da Ciência e da Religião para compreensão da realidade, sempre amparados na ideia de que ambos os campos oferecem perspectivas distintas da realidade.

O químico Charles A. Coulson foi um dos pioneiros no diálogo entre Ciência e Religião. Coulson foi professor de química teórica na Universidade de Oxford e autor de *Science and Christian Belief* (1955), uma narrativa influente sobre a relação entre as ciências naturais e o cristianismo.

McGrath (2020) conta que ele era um alpinista entusiasmado e ilustrou sua abordagem com a montanha escocesa Bem Nevis. Através de um passeio imaginativo por essa montanha, Coulson e seus convidados puderam refletir sobre como a montanha parecia quando vista de diferentes ângulos de abordagem. Vista do Sul, a montanha apresenta uma “enorme encosta gramada”, do Norte como “contrafortes rochosos”. Visitantes regulares da montanha estão familiarizados com essas diferentes perspectivas. “Cada um olha para a montanha; cada um vê certas coisas e cada um tenta descrever seu

encontro com a montanha em termos que fazem sentido. Cada um deles imagina uma linguagem adequada para seu objetivo específico”. A estrutura complexa da montanha não pode ser entendida a partir de um único ângulo de abordagem, “diferentes pontos de vista da mesma realidade parecerão diferentes, mas ambos são válidos”. Uma descrição completa exige que essas diferentes perspectivas sejam reunidas e integradas em uma única imagem coerente. O todo é a soma dessas múltiplas perspectivas (McGrath, 2020).

A experiência humana da realidade é complexa e há espaço para abordagens científicas e religiosas para apreender essa realidade. Coulson reconhecia que alguns cientistas e teólogos alegavam que suas próprias ideias representavam um monopólio da verdade. Sua opinião, no entanto, era de que os dois ofereciam ideias parciais que precisavam ser entrelaçadas em uma imagem mais completa e confiável. Uma visão útil, mas um tanto rasa da realidade que pode avançar para a segunda característica (McGrath, 2020, p.34), a de que Ciência e Religião envolvem níveis distintos da realidade.

O físico Werner Heisenberg é um dos muitos cientistas influentes a enfatizar que não é possível falar do “método científico”. Cada disciplina científica desenvolve seus próprios métodos de pesquisa, apropriados para as suas tarefas e ao campo de investigação. “Precisamos lembrar que o que observamos não é a própria natureza, mas a natureza conforme revelada por nossos métodos de investigação”. Segundo ele, cada campo disciplinar como arte, ciência e religião, por exemplo, resultam em diferentes métodos e deveriam ser vistas como parte de um maior engajamento humano com a realidade, o que requer múltiplos métodos de pesquisa. Esse quadro referencial oferece algumas possibilidades importantes para identificar “produtos do conhecimento” distintos, tanto da Ciência quanto da Religião.

Como destaca McGrath (2020), deve-se respeitar a diferença entre ambos, evitando qualquer tentativa de confundi-las ou misturá-las, no entanto, sustenta que é possível reunir os diferentes níveis de conhecimento que essas produzem. E aqui, enfatiza-se que, as Ciências Naturais estão preocupadas, principalmente, com a compreensão de como as coisas funcionam, enquanto a religião está mais preocupada com o que essas significam. Esses aspectos representam diferentes níveis de envolvimento com a existência humana e que podem ser resumidos para proporcionar uma compreensão mais completa e rica da natureza distinta da humanidade.

Uma terceira maneira seria a de que essa relação fornece mapas distintos da realidade. Nesta abordagem, McGrath cita os escritos da filósofa britânica Mary Midgley (1995) que, frequentemente, discorria sobre a relação entre as Ciências Naturais e outras disciplinas, argumentando que o projeto de analisar as questões mais importantes da vida exigia que várias ferramentas conceituais diferentes tivessem que ser usadas em conjunto para revelar o quadro completo da existência humana. Um único método iluminará apenas alguns aspectos do Mundo. Ficar limitado a este método leva ao que Midgley chamou de “visão bizarramente restritiva da realidade”. É preciso desenvolver “múltiplos mapas” (Midgley, 1995, p.199) da realidade. Concorda-se com a ideia de que nenhuma abordagem única é adequada para fazer justiça ao Mundo natural. São necessárias “muitas janelas” para uma realidade complexa, se se quiser representá-la adequadamente. Para Midgley (1995), segue McGrath (2020), diferentes mapas fornecem diferentes informações sobre a mesma realidade, (mapas físicos, políticos, de vegetação etc.) cada mapa sonda a região, respondendo certas perguntas sobre essa e não outras. Assim, a Ciência mapeia o Mundo em um nível, explicando como esse funciona; a religião mapeia o Mundo em outro nível, explicando o que esse significa (McGrath, 2020, p.36).

Por fim, é possível discorrer sobre uma quarta maneira de relacionar estes campos, apontando para a questão da Religião Cristã. E aqui, uma primeira tentativa de resposta à questão de: por que Religião Cristã? A perspectiva é a de que essa interação complementa a realidade através da leitura dos “dois livros”. Tal maneira de visualizar a relação entre Ciências Naturais e o Cristianismo emergiu durante o Renascimento Europeu e contribuiu muito para incentivar o surgimento da Ciência, mostrando como essa é consistente com um modo de pensar religioso.

Essa ideia é uma metáfora que convida a imaginar a natureza e a Bíblia Cristã como textos originários do mesmo autor que demandam interpretação. Foi uma metáfora amplamente usada para manter a distinção entre Ciências Naturais e teologia cristã, por um lado e para afirmar sua capacidade de interação positiva,

por outro. Ambos foram escritos por Deus, ambos o revelam de maneira diferente e em diferentes extensões. Livros que se acredita podem ser lidos individualmente, mas também lado a lado, cada um complementando o outro (McGrath, 2020). Duas falas entusiastas para essa forma de imaginar a interação citadas por McGrath, 2020, p.37) precisam de destaque aqui:

- a) As institutas da Religião Cristã de João Calvino (1559) foram elaboradas para ajudar os cristãos a discernirem o “panorama geral” da fé cristã, que, segundo Calvino, encorajava explicitamente um diálogo entre as CN e a teologia, reconhecendo os paralelos e as divergências entre os dois livros.
- b) As confissões de fé reformadas, como a Confissão Belga, afirmaram que o universo é apresentado diante de nós como um “belo livro” projetado para nos encorajar a “refletir sobre as coisas invisíveis de Deus”. (McGrath, 2020, p.37).

Para Calvino, continua McGrath (2020), a Bíblia esclareceu e ampliou esse conhecimento de Deus, estabelecendo-o em um fundamento mais confiável. Há um pressuposto que conecta os dois livros: a ideia de que o Deus que criou todo o Mundo é também o Deus que é revelado na e pela Bíblia cristã. Há uma crença teológica que subjaz toda essa imaginação. Há um Deus criador e que foi revelado na natureza e nas escrituras. Essa analogia enfatiza que o Mundo natural e a Fé cristã são distintos, e que esses não devem ser confundidos ou assimilados. Cada um tem seus próprios tópicos e métodos distintos de investigação, representação e sistematização (McGrath, 2020, p.38).

Entendendo dessa maneira é que se segue com ações de ensino, pesquisa e extensão que culminaram na publicação de artigos, E-books e na participação em eventos de extensão (Soares, 2024; Campos & Soares, 2023; Soares & Ferreira, 2021; Nóbrega & Soares, 2021; Santos, Soares & Ribeiro, 2020, entre outros). Além da realização de seminários e jornadas, da criação de um Grupo de estudos e da alocação de livros no acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Uma trajetória que será descrita a seguir.

3. CIÊNCIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGOS ACADÊMICOS

Com base na afirmação de McGrath (2020, p. 16) de que “religião e ciência são duas forças culturais e intelectuais mais significativas no mundo de hoje”, leva-se a cabo uma programação iniciada em 2017, com a criação de um Grupo de Estudos, funcionando a partir da UFMT. Uma ação caseira e diminuta face à grandiosidade do desafio. A temática, no entanto, chamou a atenção de muitos interessados e curiosos que gostariam de ouvir e de discutir sobre os temas. Assim, entre 2018 e 2019, foram realizados quatro seminários presenciais, listados de modo resumido:

- 2018 – 11/09 – I Seminário Fé e Ciência: Um diálogo possível.

Tema: Modelos para relacionar Fé e Ciência. Com 60 (sessenta) participantes.

- 2019 – 11/03 – II Seminário Fé e Ciência: Um diálogo possível.

Tema: Fé, esperança e tecnologia. Com 100 (cem) participantes.

- 2019 – 08/08 – III Seminário Fé e Ciência: Um diálogo possível

Tema: Criação ou evolução: precisamos escolher? Com 90 (noventa) participantes.

- 2019 – 03/12 – IV Seminário Fé e Ciência: Um diálogo possível

Tema: O ajuste fino do universo. Com 45 (quarenta e cinco) participantes.

Os seminários foram divulgados pelo sítio da UFMT e realizados no auditório João Balduino da Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FAET) no período das 18h30 às 21h30. Dessa forma, foram se constituindo as ações e a discussão em torno da relevância dos temas no âmbito acadêmico, sempre realizada

com liberdade de crença e respeito epistêmico, planejadas e executadas em forma de palestras com convidados especialistas e posterior mesa redonda na qual, todos os participantes podiam interagir fazendo perguntas e argumentando nos contrapontos.

A proposta evoluiu mesmo diante do período pandêmico e se tornou um Projeto de Extensão cadastrado e aprovado pela Coordenação de Extensão da UFMT, a partir do qual foram desenvolvidas reuniões remotas e presenciais, com os seguintes temas:

- 2020 – Uma proposta de diálogo entre ciência e fé na academia.
- 2021 – Diálogo entre ciência e fé na academia no contexto da pandemia.
- 2022 – Ciências contemporâneas e fé: por uma interação dialógica entre universidade e sociedade.
- 2023 - Verdadeiros cientistas, fé verdadeira e os avanços em CTSA.

Com a participação ativa de estudantes universitários, dos cursos de graduação e de pós-graduação, professores da educação básica, profissionais liberais e demais interessados, as discussões – realizadas em reuniões quinzenais de duas horas cada – eram motivadas pela virtude da curiosidade epistêmica, embasada pela leitura de livros e, direcionada por uma apresentação inicial de um tema ou de um autor previamente selecionado.

O resultado foi uma experiência de reflexão enriquecedora. Surgiram novas perspectivas, fundamentando o diálogo entre ciência e religião. Além disso, foi criado um ambiente acolhedor para questionamentos sobre os temas propostos a cada ano, proporcionando referências teóricas para aprofundamento epistêmico.

Um período intenso de atividades de pesquisa também se desenvolveu com o registro de um projeto de pesquisa que gerou dois produtos educacionais a partir do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais (Nóbrega & Soares, 2021; Campos & Soares, 2023). Duas pesquisas em nível de graduação, uma na forma de Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e outra como Trabalho de Conclusão de Curso (Santos, 2020). Além de comunicações orais em eventos de extensão.

Em 2022, o Grupo de Estudos foi contemplado pela Sociedade Internacional para Ciência e Religião (ISSR) com o recebimento de 25 (vinte e cinco) livros, que estão catalogados e colocados à disposição dos estudantes na Biblioteca Central da UFMT (Schuurman, 2016; Harrison, 2017; Plantinga, 2018; Verkerk et al., 2018, só para citar alguns).

Em 2023 houve a participação na XIV Mostra de Extensão da UFMT com o tema: #FazendoDiferença na Comunidade, no período de 02/10/2023 a 05/10/2023 (Soares et al., 2023). O Grupo de Estudos realizou 18 (dezoito) reuniões sendo, 9 (nove) presenciais e 9 (nove) de modo remoto. Nestas reuniões foram apresentadas as biografias, a história, a tese defendida e o legado bibliográfico de nove autores (Erick Johnson, C. S. Lewis, Egbert Schumman, Bob Goudzwaard, Michel Villey, Rosalind Picard, John Carson Lennox, Jhennifer Wiseman e Alistar MacGrath). Estas últimas se encontram disponíveis no canal do Youtube (ABC2 - FÉCIÊ - CUIABÁ-MT).

A penúltima ação do Grupo de Estudos foi a realização da II Jornada FÉCIÊ de Mato Grosso que ocorreu no período de 5 a 7 de dezembro de 2023 com a presença do prof. Dr. Luiz Adriano Borges da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e do prof. Ms. Andrei Mantesso Coimbra, do Instituto Federal de Mato Grosso, campus de Lacerda. Nesta jornada circularam 44 (quarenta e quatro) pessoas entre estudantes de graduação e pós-graduação, além de religiosos e educadores externos à UFMT. O tema abordado foi: A Tecnologia a serviço da boa vida: Liberdade, Ciência e Fé.

Por fim, a última ação do Grupo para o ano de 2023 se relaciona à produção de um texto biográfico dos autores apresentados nas reuniões de estudo realizadas durante o ano. Uma obra que está sendo gestada pelos próprios integrantes do Grupo de Estudos e que passará por revisão de texto, a fim de seja publicada em forma de E-book.

Um destaque final será dado ao funcionamento do Grupo de Estudos. Nesta oportunidade cabe enfatizar a iniciativa da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC2) que, desde o seu início, em 2016, objetiva constituir uma “Comunidade Intelectual Cristã”, promovendo um espaço para conversar sobre

temas que envolvem Fé e Ciência, ampliando o diálogo sobre questões tão importantes, integrando a comunidade cristã e o campo científico.

Os grupos são divididos em duas modalidades: locais ou temáticos e as reuniões são periódicas (quinzenais ou mensais). Durante a pandemia, muitos grupos funcionaram de modo remoto e pós-pandemia, vários mantiveram esse formato agregando atividades presenciais concomitantes. Não há pré-requisito para participar do grupo, apenas o interesse em aprender e caminhar junto nessa empreitada. É possível, também, abrir um Grupo de Estudos em outros locais como em escolas, seminários, igrejas, universidades privadas ou na própria casa de interessados. Outras informações podem ser encontradas em <https://www.cristaosnaciencia.org.br/grupos-de-estudos/>.

O Grupo de Estudos ABC2/FÉCIE de Cuiabá-MT, como muitos outros existentes pelo Brasil, possui uma coordenação local que, desde o seu início, em 2017, realiza as reuniões na sala 85, Bloco C, no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Química (LabPEQ) do Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET/UFMT).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se na proposta e se reitera que a Universidade brasileira é um lócus propício para a promoção desse diálogo, uma vez que comporta a expertise científica e o rigor metodológico e ético na busca por conhecimento.

Alguns aspectos positivos a respeito da constituição do Grupo de Estudos e de suas ações se refletem, primeiro, na liberdade experimentada pelos participantes durante as reuniões de estudo. Nestes momentos, a integralidade do ser é acionada pela teoria e alinhada com os pressupostos de fé. Em outras palavras, não se tenta deixar as crenças do lado de fora da sala de reuniões para se falar em neutralidade. Em segundo lugar, na compreensão histórica de que Ciência e Religião já estiveram em conflito em momentos pontuais e que, mesmo nestes momentos houve crescimento de ambos os campos. Um terceiro ponto positivo a ser elencado passa pela compreensão interdisciplinar e mais bem elaborada do que seja ciência. Ampliada e entendida enquanto uma prática social intelectual, organizada em torno das tradições científicas, compostas por um conjunto particular de valores epistêmicos e de virtudes intelectuais, voltadas para a produção, transmissão e aplicação de um bem particular, qual seja, o entendimento sobre o Mundo natural.

Nesta perspectiva, atuar na intersecção dos campos amplia a compreensão geral da realidade que, segundo McGrath (2020), promove uma visão estereoscópica da realidade que é, muitas vezes, negada àqueles que se limitam a apenas um dos campos.

Quando aprimoramos as ações, por meio de reuniões de avaliação no interior do grupo de estudos, percebemos que os seminários pontuais poderiam evoluir para a realização de projetos de extensão universitária de modo mais alinhado com a pesquisa e com o ensino. Novos projetos estão sendo escritos e novos interessados estão chegando. Percebe-se um rico movimento em torno da proposta. Há um interesse social crescente e a Universidade não pode ficar aquém desses anseios. Barreiras e preconceitos precisam cair para que a ideia de uma comunidade intelectual cristã possa atuar de maneira mais proveitosa e comprometida com a promoção da comunicação, da investigação atenta e criteriosa de temas relacionados à interação entre a Ciência e a Fé. Essa interação existe e não é possível negá-la!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexander, D. R. **Criação ou evolução: precisamos escolher?** Viçosa, MG: Ultimato, 2017.

Barbour, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras?** São Paulo: Cultrix, 2004.

Berry, R. J. (Org.). **Verdadeiros cientistas, fé verdadeira.** Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

El-Hani, C. N. & Sepúlveda, C. de A. S. Quando visões de mundo se encontram: religião e ciência na trajetória de formação de alunos protestantes de uma licenciatura em ciências biológicas. **Investigações em Ensino de Ciências**, 9 (2), 137-175, agosto, 2004.

Campos, S. D. de L. Soares, E. C. **Ensino de ciências naturais na interface com a religião: subsídios teóricos e historiográficos** [livro eletrônico]. Cuiabá, MT: Fundação Uniselva, 2023.

Coulson, C. A. **Christianity in an Age of Science**. London: Oxford University Press, 1953.

Mcgrath, A. **Ciência e Religião: fundamentos para o diálogo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

Harrison, P. **Os territórios da ciência e da religião**. Viçosa, MG: Ultimato, 2017.

Nóbrega, A. P. A. de. Soares, E. C. **Ciência e Religião no Ensino de Ciências Naturais: Pode isso?** [e-book]. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2021. Disponível em: <https://www.edufmt.com.br/product-page/ci%C3%Aancia-e-religi%C3%A3o-no-ensino-de-ci%C3%Aancias-naturais-pode-isso>. Acesso em 14 dez 2023.

Midgley, M. Wisdom, **Information, and Wonder: what is knowlwdge for?** London: Routledge, 1995.

Plantinga, A. **Ciência, Religião e naturalismo: onde está o conflito?** São Paulo: Vida Nova, 2018.

Peters, T.; Bennett, G. **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. São Paulo: Edições Loyola: Editora UNESP, 2003.

Santos, L. M. R. dos. Compreendendo a perspectiva dos residentes em Química da UFMT sobre a relação entre Ciência e Fé. **TCC** (graduação em Química). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Cuiabá, 2020.

Santos, L. M. R. dos; Soares, E. C.; Ribeiro, M. T. D. Modelos mentais de relação entre Ciência e Fé: desafios para a formação docente. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 362-377, 2020. DOI: 10.26571/reamec.v8i3.11092. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/11092>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Soares, E. C. Uma Extensão Universitária promovendo ações de diálogo entre Ciência e Fé, **Masquedós, Revista de Extensión Universitaria**. Vol. 9, Núm. 11, 2024. (No Prelo).

Soares, E. C. Ferreira, A. J. C. Projeto de Extensão FÉCIE como espaço de formação e diálogo entre ciências, fé e cultura dentro e fora da universidade: fundamentos para o diálogo. **Anais da XII Mostra de Extensão da UFMT – Tema Conexões**. 26 e 27 de outubro, 2021.

Soares, E. C.; Oliveira, J. A. dos S.; ALVES, C. P.; GONÇALVES, H. T.; ROCHA, Y. P. L.; PANTALEÃO, A. C. de O. Uma extensão universitária que promove o diálogo entre Ciência e Fé. **Anais da XIV Mostra de Extensão da UFMT. #FazendoDiferença na Comunidade**, 02/10/2023 a 05/10/2023.

Schuurman, E. **Fé, esperança e tecnologia: ciência e fé cristã em uma cultura tecnológica**. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

Verkerk, M. J.; Hoogland, J.; Stoep, J. V. D.; Vries. M. J. **Filosofia da Tecnologia: uma introdução**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.